



O PAPEL DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO E A CONSTRUÇÃO DE PROJETOS PEDAGÓGICOS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO CAMPO DE ESTÁGIO

Leidiane Almeida dos Santos¹ (UEG)
Sara Lohany Batista da Silva² (UEG)
Taynara Santos Barros³ (UEG)
Kênia Abbadia de Melo⁴ (UEG)

GT 07- ESTÁGIO SUPERVISIONADO

RESUMO

O presente trabalho, elaborado por exigência da disciplina de Atividades de Orientação em Docência nos anos iniciais do ensino fundamental I, do sétimo período do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Inhumas, tem como objetivo refletir sobre o papel do Estágio Supervisionado Obrigatório no processo de formação profissional docente. Apresenta e analisa a prática docente vivenciada no campo de estágio, em uma escola pública municipal de ensino fundamental, no município de Inhumas-GO. Como primeiros resultados, ressalta que o estágio, nessa primeira etapa de observação junto à escola em sua integralidade e à sala de aula, em sua singularidade, oportunizou a construção de diagnoses e a definição de uma problemática central. Mediante essa questão central, ainda como resultado desse momento formativo, foi elaborado um projeto de trabalho, que deverá ser executado no segundo semestre do ano, já na segunda etapa do estágio. O tema do projeto de trabalho, que abrange as cinco regiões do Brasil e suas culturas, objetivará trabalhar de uma forma interdisciplinar as diferentes disciplinas, na expectativa de proporcionar um aprendizado significativo, prazeroso e lúdico às crianças. Teremos como interlocutores principais, Barbosa e Horn (2008); Lüdke (2015); Oliveira (2000), Pimenta e Lima (2005); Rech (2006), dentre outros. Esperamos que este trabalho contribua com a prática pedagógica dos professores da educação básica e oportunize um novo olhar para a disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório, mediante o reconhecimento da sua importância no processo de formação docente.

Palavras-chave: Estágio. Formação Profissional Docente. Prática Pedagógica.

¹Acadêmica do 7º período, do curso de Pedagogia. Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Inhumas. E-mail: leidiamealmeidapedagogia@hotmail.com.

²Acadêmica do 7º período, do curso de Pedagogia. Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Inhumas. E-mail: saralohanybatista@gmail.com.

³Acadêmica do 7º período, do curso de Pedagogia. Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Inhumas. E-mail: barrossantostainara@gmail.com.

⁴Professora da Universidade Estadual de Goiás, orientadora de Estágio Supervisionado em docência nos anos iniciais do ensino fundamental, do curso de Pedagogia. E-mail: kenia.abbadia@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo pensar o papel do Estágio Supervisionado no processo de formação docente, bem como apresentar as experiências vivenciadas pelo nosso grupo de estágio, durante as observações realizadas em uma escola municipal de anos iniciais do ensino fundamental.

A metodologia proposta para a elaboração do artigo tem um cunho qualitativo, na medida em que resulta de um processo de inserção e de interpretação das experiências vividas na escola-campo. Para isso, fundamentaremos teoricamente em vários autores que estudam o tema, são eles: Barbosa, Horn (2008); Lüdke (2015); Oliveira (2000); Pimenta e Lima (2005); Rech (2006), dentre outros. Em nossas análises, também nos basearemos nas experiências adquiridas durante as observações, assim como, nos registros realizados que possuem a descrição dos dias de observação do campo de estágio, considerando que todos os momentos vividos lá, foram importantes na construção desse texto.

Realizamos quatro dias de observação, no horário das 13: 30 às 17: 00 horas. Nesses momentos, tivemos a oportunidade de buscar identificar a problemática central, ou seja, aquela que teríamos como foco em nosso trabalho de intervenção.

Mediante essas observações, elaboramos um projeto que, em tese, é viável além de ser requisito para a intervenção pedagógica que acontecerá no segundo semestre deste ano. De certo modo, esse projeto busca responder a uma problemática ou déficit encontrado no período de observação do primeiro semestre e propiciar às crianças algumas vivências de cultura, folclore, resgate de brincadeiras regionais, dentre outras. Muitas vezes algumas propostas pedagógicas não são trabalhadas ou exploradas em sala de aula como deveriam, na medida em que, de maneira geral, faltam as condições adequadas para isso. Portanto, este artigo pretende apresentar a experiência vivida e seus aprendizados, no que tange à compreensão de como o estágio e suas observações são importantes para que possamos ter uma formação profissional completa.

CONCEPÇÕES, DESAFIOS E DIFICULDADES DO ESTÁGIO



O estágio supervisionado é imprescindível para a formação de docentes dos cursos de Licenciatura, principalmente no de Pedagogia. É de suma importância para o processo de experiência e aprendizagem do docente, o qual estará em contato com a realidade de modo a compreender o que estudou e a relacionar com o cotidiano apresentado, se preparando para encarar os desafios de uma carreira. Pimenta e Lima (2005/ 2006, p. 13), consideram que a finalidade do estágio é a de propiciar ao aluno “uma aproximação à realidade na qual atuará”.

O estágio traz conceitos primordiais na relação com os quais o estagiário pode se espelhar, ou fazer diferente da prática adotada pelo professor. O estágio permite acrescentar práticas que possam superar a dicotomia entre teoria e prática. Mas, sabemos que para alcançar a concepção que o estágio apresenta nos dias atuais, passou-se por diferentes etapas. A primeira delas é: *Prática como imitação de modelos*, Pimenta (2005/2006), retrata que:

A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons (PIMENTA, 2005/2006, p.7).

Nessa prática em que o estágio é considerado um momento para cópia de modelos a ser seguida pelos professores, parte-se do pressuposto que há um único modelo a ser seguido. Um modelo que por si só daria conta da complexidade de ensinar. Sabemos que não existem modelos ou práticas prontas e acabadas. Nesse sentido, constatamos que este modelo não leva em consideração o aluno e o conhecimento que este pode trazer por meio de suas experiências próprias adquiridas no meio social, fazendo com que o professor transmita somente a teoria e focalize somente no saber acumulado.

Então, o estágio baseado neste modelo, foca somente em como o estagiário observa o professor e em como deve imitá-lo em suas práticas, sem proceder com a criticidade necessária para que o conhecimento seja edificado de forma construtiva. Pimenta (2005/2006) enfatiza que:

O estágio então, nessa perspectiva, reduz-se a observar os professores em aula e a imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa (PIMENTA, 2005/2006, p. 8).

A segunda concepção é: *Prática como instrumentalização técnica*, que se resume em



técnicas na realização das atividades escolares como um todo. Desta forma, o profissional da educação está condicionado a utilizar somente a técnica, ou seja, não utiliza a teoria (os conhecimentos científicos) e vê a teoria e a técnica como independentes, sem que a teoria seja importante para fundamentar a prática.

Nessa perspectiva, a atividade de estágio fica reduzida à hora da prática, ao como fazer, às técnicas a ser empregadas em sala de aula, ao desenvolvimento de habilidades específicas do manejo de classe, ao preenchimento de fichas de observação, diagramas, fluxogramas (PIMENTA, 2005/2006, p. 9).

Esta concepção nos leva à reflexão que a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida carga teórica pode ocasionar um distanciamento entre a prática e a teoria. Então, percebemos que, historicamente, o estágio foi concebido a partir dessas duas concepções, que se modificaram com o decorrer do tempo. Porém, hoje, mesmo ainda presentes, estão superadas, devido ao entendimento de que são ineficientes em seus resultados, no que diz respeito aos conhecimentos repassados e aos métodos pedagógicos aplicados.

Na atualidade, adotamos a concepção de estágio como aproximação da realidade e atividade teórica. Nessa concepção, percebemos que a teoria e a prática são indissociáveis, para que o aprendizado seja eficaz tanto do estagiário e do aluno, e que possamos levar para a sala de aula práticas futuras embasadas em autores pesquisadores, nos fazendo refletir acerca da realidade enfrentada pelos alunos, respeitando suas necessidades e dificuldades, transmitindo conhecimentos ricos em criatividade, que possam contribuir para o convívio em sociedade. Pimenta (2005/2006) reflete acerca desta concepção:

(...) o estágio, nessa perspectiva, ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas atividade teórica, instrumentalizadora da prática docente, entendida esta como a atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção da realidade, este sim objetivo da práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá (PIMENTA, 2005/2006, p. 14)

O estágio tem como objetivo geral, fazer uma aproximação da universidade com a escola, ou seja, proporcionar experiências condizentes com a realidade em que os docentes atuarão futuramente. No



entanto, existem variadas dificuldades e desafios a serem enfrentados pela universidade enquanto orientadora desse estudo e seus estagiários, no desenvolver das pesquisas em campo e na realização dos projetos planejados.

Lüdke (2015) nos traz uma reflexão acerca destes desafios e dificuldades. Um dos problemas citados em seu texto é a posição do estagiário que deveria ser uma posição ativa na determinação da sua formação, sendo que acontece o contrário, em geral o estagiário é submetido a determinações e regras estritas cumprindo o que alguns denominam de “estudante samambaia”, ou seja, sem muita autonomia.

(...) a posição passiva do estagiário, o que levou a propor a metáfora do “estudante samambaia”, fixado no fundo da sala, a observar as atividades da professora e seus alunos, quase de forma decorativa, como uma samambaia (LÜDKE, 2015, p.177).

Uma dificuldade também apontada por Lüdke (2015), diz respeito à diferenciação, hierarquização e a necessária aproximação entre as disciplinas específicas e as disciplinas pedagógicas, no sentido em que o professor precisa dominar esses dois campos do conhecimento.

A necessidade de aproximação entre a formação oferecida pela universidade e a que fica sob a responsabilidade das escolas que recebem os estagiários, oferecendo-lhes a indispensável ligação ao trabalho do professor, em seu dia a dia e com tudo o que compõe a escola, não apenas os alunos, fica ainda comprometida pela fraca conexão de cunho formativo entre as “disciplinas específicas e as disciplinas pedagógicas” (LÜDKE, 2015, p.181).

Além disso, Lüdke (2015) destaca a necessária aproximação entre formação e a profissão docente, sendo que ambas devem ser realizadas em conjunto, mas possui grandes desafios, em relação a preparação adequada, com informação e materiais próprios para o desempenho do estágio.

A função de formadora, quero lembrar, não é tão visível no conjunto de cursos oferecidos pela universidade em geral. A outra, a de produção de conhecimento, é muito mais focada e valorizada, inclusive pela atribuição de verbas e recursos, em forma de bolsas e auxílios para a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico, hoje bem mais atendidos (e prestigiados) do que a função de formação (LÜDKE, 2015, p.182).



Assim, uma série de desafios e dificuldades são encontradas na execução do estágio supervisionado, mas, para que eles se resolvam é muito importante o interesse dos estagiários, da escola campo e da universidade, construindo entre esses três atores, um elo de compromisso e experiências válidas que contribuam para formação acadêmica a ser realizada.

O estágio supervisionado, que tem papel tão importante no processo de formação de professores, é vítima de vários desses problemas e, como representa no momento atual a ponte disponível para a comunicação entre o trabalho formador da universidade e o que cabe à escola, precisa receber a atenção de nossos pesquisadores para que se tente descobrir meios para tornar seu trabalho mais efetivo, mesmo dentro de suas reconhecidas limitações (LÜDKE, 2015, p.182).

Portanto, podemos perceber que o Estágio Supervisionado possui grandes dificuldades e desafios de ambas as partes, porém é um elemento indispensável para a formação acadêmica dos cursos de licenciatura, possuindo diferentes concepções históricas, mas que na atualidade se adota a mais humana, que vê a criança como um ser de direitos e que levam todas as suas aprendizagens para sua vida. Devemos como estagiários perceber todas as limitações e tentar superar cada uma delas para exercer um trabalho eficaz nas práticas futuras.

APROXIMAÇÃO ENTRE A ESCOLA-CAMPO E A UNIVERSIDADE

A escola campo na qual aconteceram as observações está localizada no município de Inhumas (Goiás). A Escola oferta o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano em regime seriado anual, que integra o Sistema Estadual de Educação, Jurisdicionada Regional de Educação de Inhumas – Goiás. Ela atende o total de 380 crianças, sendo 218 crianças no turno matutino e 162 no turno vespertino, com idade de 06 a 16 anos.

Analisando os aspectos da escola, percebemos que esta é bem ampla, possui o total de oito salas de aulas espaçosas e arejadas, equipadas com ventiladores e ar condicionado e as carteiras em bom estado de conservação. Possui uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma biblioteca, uma sala de direção e coordenação; uma secretaria e uma cantina, três banheiros masculinos e três femininos para crianças e um deles é adaptado para criança com necessidades especiais e um para coordenação, há também uma área destinada ao “escovódromo” e bebedouros de água para as crianças.



A escola também possui um pátio amplo, com desenhos de amarelinha para as crianças brincarem durante o recreio e também uma quadra de esportes. Nas paredes das salas de aula, no lado de fora, há algumas pinturas que representam os projetos executados durante o ano letivo na escola, eles são: aluno nota dez, dengue, família, arraiá dos ritmos, biblioteca viva, *bullying*, reforço escolar, festival de talentos e recreio dirigido.

O Projeto Político Pedagógico que a escola adota é estruturado, organizado e revisado no início de cada ano letivo, ele é o eixo ordenador e norteador que a escola deve seguir e ele apresenta as diretrizes e normas técnico-pedagógicas propostas pela Unidade Escolar em questão. Analisando o mesmo, entendemos sobre a linha de ação pedagógica e as bases teóricas que sustentam o pensar, o realizar e avaliar da educação ministrada naquele espaço escolar e as orientações que norteiam as práticas dos professores.

RELATO DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS E UM POUCO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA A SER EXECUTADA

A sala observada por nosso grupo de estágio foi a do quarto ano C. Essa turma tem uma professora, graduada em História que possui muitos anos de experiência na docência. No primeiro momento, analisamos os aspectos físicos da sala, que é bem grande, arejada, organizada, limpa e possui os mobiliários bem distribuídos.

As quinze crianças são todas bem tranquilas, curiosas, espertas, receptivas, carinhosas, participativas e solidárias. Um pouco lentas para cumprir as atividades pedagógicas. Essa característica das crianças e a maneira como as atividades são organizadas em sala, contribui para que a dinâmica pareça longa e tediosa.

Com a experiência do estágio, percebemos que as crianças possuem uma rotina a ser seguida, esta é sempre planejada pelas professoras e possuem eixos que precisam ser seguidos para que o aprendizado ocorra de maneira que abarque todos os conteúdos necessários, assim como as atividades são voltadas para o início da preparação para a vida.

Assim como acontece, de maneira geral, em todas as escolas, em nossa escola-campo, o horário das aulas é dividido entre as diversas disciplinas. Essa organização da escola, mesmo contribuindo para a formação e a preparação das crianças para a vida adulta,



tradicionalmente, dificulta e compromete uma proposta de trabalho na perspectiva interdisciplinar.

Mesmo que a proposta pedagógica assumida, pela escola, para este momento seja a formação de valores humanos sem a vinculação com nenhuma religião, uma vez que a escola pública é laica, percebemos uma vertente, em grande medida, voltada para uma religião específica.

Em relação ao planejamento das atividades, analisando cada componente do plano de aula que a professora regente da sala nos permitiu ver, durante as observações, percebemos que os objetivos estão claros e bem explícitos no plano de aula e estes não são apresentados aos alunos. Os conteúdos a serem ministrados em sala estão em coerência com os objetivos e são sequencialmente organizados. Estes são contextualizados em relação a atualidade e ao contexto sócio-cultural dos alunos, pois ao fazer as atividades, as professoras utilizam exemplos do cotidiano.

Apesar da organização tradicional da escola, dificultar uma proposta que se postule interdisciplinar, a metodologia utilizada em sala de aula avança, em alguns aspectos na interdisciplinaridade, pois ao tratar de um assunto a professora busca interagir com outras matérias. Sobre isso, Assumpção (p. 24) aponta:

A interdisciplinaridade guarda com a intersubjetividade uma ligação de identidade e de diferença. Identidade enquanto “inter-ação”, atitude própria do humano enquanto ser social que se fundamenta na afetividade, na compreensão e na linguagem, com existenciais básicas desse ser. Diferença, pois, como disciplina exige do sujeito que este mantenha a consciência direcionada ou tensão para algo que acontece numa ação específica, o que se constitui na própria dialética homem-mundo.

A professora demonstra habilidade no manejo da turma, atende todas as dúvidas e estimula a criança a participar. A professora segue a rotina estabelecida na aula. Percebemos no decorrer das aulas que ela estabelece combinados a serem seguidos. Exatamente pelo perfil tranquilo da turma, consideramos que o tempo pedagógico e as atividades propostas deixam a desejar em relação ao envolvimento, dinamicidade e participação das crianças.

Diante de todo esse contexto apresentado e mediante nossas observações em sala de aula, definimos como tema a ser trabalhando em nosso projeto, as cinco regiões do Brasil, abarcando o folclore, músicas, brincadeiras regionais, artes, cultura, dentre outros temas que



podem ser também estudados.

Optamos por este tema, pois tivemos a percepção de que no cotidiano escolar, as crianças não tinham muitas aulas da disciplina de Geografia, somente duas aulas. O projeto a ser executado tem por objetivos proporcionar uma aprendizagem significativa, pois, ele abarca uma relação entre os diferentes eixos, assim a criança pode aprender de forma integral e interdisciplinar, sem fugir da rotina a qual estão acostumados.

Barbosa e Horn (2008) nos mostram que trabalhar com projetos abre amplas oportunidades de aprender, pois:

Um projeto é uma abertura para possibilidades amplas de encaminhamento e de resolução, envolvendo uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, criativos, ativos e inteligentes, acompanhados de uma grande flexibilidade de organização. Os projetos permitem criar, sob forma de autoria singular ou de grupo, um modo próprio para abordar ou construir uma questão e respondê-la (BARBOSA; HORN, 2008, p. 31).

A partir dessa perspectiva, torna-se necessário demonstrar a criança os vários costumes, os hábitos, as diversas brincadeiras, as tradições, a arte, a comida, os mitos, as músicas, o folclore, a cultura e outros aspectos das cinco regiões que compõem o território brasileiro (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), fazendo com que a criança valorize a pluralidade do nosso patrimônio, diminuindo a discriminação por cada componente. Assim os Parâmetros Curriculares de Geografia (1998) reforçam que é importante:

[...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1998, p. 07).

A cultura, o folclore são expressões construídas socialmente e são importantes para que a criança, ao conhecê-las, sinta-se parte do mundo em que vive. Nesse sentido, outro aspecto importante a ser trabalhado é o brincar. A brincadeira faz com que a criança consiga edificar riquíssimas relações com seus pares e, juntos, fazem descobertas e adquirem novos conhecimentos. Borba (2009) transcreve que:

Ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações no mundo, e também sobre os significados culturais



do meio em que está inserida (BORBA, 2009, p.70).

Borba (2009, p. 70-71), nos expressa que: “O brincar é, portanto, experiência de cultura, por meio da qual valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social são constituídos e reinventados pela ação coletiva das crianças.” Desta forma, compreendemos, que o brincar possibilita à criança agir sobre a realidade, reconstruí-la, construí-la e expressar suas aprendizagens e conhecimentos.

Por meio da brincadeira, a criança apreende de diversas formas, além de desenvolver diversas habilidades. Oliveira (2000) ainda nos reforça os aspectos cognitivos que o brincar possibilita à criança:

Ao brincar, afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória e outras funções cognitivas estão profundamente interligados. Ao brincar a criança é favorecida com o equilíbrio afetivo contribuindo para o processo de apropriação de signos sociais. Cria condições para uma transformação significativa da consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo (OLIVEIRA, 2000, p. 164).

Diante do exposto, pretendemos trabalhar este projeto devido a pouca ênfase dada a alguns desses conteúdos, pois, assim estaremos proporcionando as crianças a oportunidade de se aprofundar em um assunto tão vasto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a construção do saber com base em projetos pedagógicos leva a criança a construir seu próprio saber baseado no que lhe é ensinado. Vale destacar que os projetos a serem executados deixam como reflexão para os professores das salas a qual atuaremos, que diversos conteúdos precisam receber mais enfoque e serem explorados de diversas formas, trabalhando com os diversos aspectos já citados, assim, propiciar às crianças se desenvolverem no processo de ensino e aprendizagem, garantindo a criança o desenvolvimento pleno.

A partir dos autores aqui utilizados e alguns lidos, mas não citados juntamente com nossas vivências no agrupamento que observamos, consideramos que o Estágio Supervisionado obrigatório é algo necessário e indispensável para a formação profissional, pois, podemos perceber mediante essa experiência, como a prática em docência se constitui,



deixando para nós futuras profissionais da educação um aprendizado significativo em relação ao contexto observado.

Além de compreendermos o quanto o Estágio Supervisionado obrigatório é importante, foi possível para nosso grupo de estágio, encontrar alguns problemas que na prática pedagógica acabam ocorrendo, mas que não são solucionados como deveriam.

Quanto ao Projeto de Intervenção a ser desenvolvido, consideramos que ele é uma forma de se trabalhar e focar em temas que muitas vezes não são trabalhados na educação. Além de proporcionar momentos de aprendizagem significativos e momentos prazerosos, no qual as crianças apreendem brincando e expondo suas formas culturais, em que cada uma brinca e se desenvolve de uma forma, fugindo da rotina que para a criança às vezes torna-se exaustiva. Assim, constatamos que este período de observação foi de grande relevância tanto para nossa reflexão sobre a relação teoria e prática, quanto será para as crianças que serão as grandes privilegiadas por aprenderem de forma divertida, na execução do projeto que acontecerá no segundo semestre.

Todas as experiências e leituras em relação a este processo de estágio têm contribuído para a nossa formação docente, nos fazendo refletir acerca de nossas práticas em sala que tivemos e teremos futuramente, nos propiciando uma visão ampla sobre as necessidades que a criança tem de ampliar seus conhecimentos e a importância de nossa formação continuada para o aprimoramento das práticas de ensino e aprendizagem a serem trabalhadas.

Portanto, conforme as fundamentações aqui expostas, percebemos a necessidade de o educador entender o motivo de propor momentos lúdicos para que a criança se desenvolva, sendo que cabe ao mesmo ter o olhar voltado para a criança, pois ela é o alvo principal deste processo de ensino e aprendizagem e desta forma proporcionar conhecimentos significativos para a criança e o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIA

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, da Graça Sousa Horn. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BORBA, Angela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patricia (org.). **Educação Infantil** – cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores e Associados, 2009.



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p.

CACHAMBU, Adriane et al. O folclore e a Educação. **Cadernos FAPA**. Porto Alegre, v.1, n.1, p.53-59, 2005. Disponível em: <<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-escola/apoio/Folclore-e-educacao.pdf>> Acesso em: 06 de Maio de 2018.

LÜDKE, Menga. **Estágio Supervisionado: substantivo fictício?**. In: Por uma revolução no capo da formação de professores/ organização Bernadete Angelina Gatti...[et.al.] – 1.ed.- São Paulo: Editora Unesp, 2015.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poíseis- Volume 3, Números 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

RECH, Llona Patrícia Freire. **A hora da atividade**. In: Martins filho, Altino José. **Infância plural: crianças do nosso tempo**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2006, p.59-84.